

APOLLONIA FENÍCIA E HELENÍSTICA

Thiago Bonfada de Carvalho

A PLANÍCIE DE SHARON EM ISRAEL E A INSERÇÃO DE APOLLONIA

A Planície de Sharon ocupa grande parte da costa de Israel, estendendo-se do Monte Carmelo ao Norte ao rio Nahal Yarqon ao Sul¹. Na Antigüidade, englobava as grandes cidades de 'Atlit, Dor, Caesarea Marítima, Apollonia e Jaffa, além de diversas cidades e vilas de tamanhos variáveis, como Tel Qasile, Tel Michal, Tel Mevorakh, Tel Mikhmoret e outras. Apesar da amplitude e importância de suas ocupações, ela ainda não foi alvo de uma prospecção sistemática em sua totalidade (Ronen 1993). O presente artigo procura analisar o início da ocupação do sítio de Apollonia-Arsuf no quadro geral dos estabelecimentos fenícios na costa norte da Palestina, durante o período do domínio persa na região. Um objetivo secundário é fornecer elementos em relação à composição étnica dos habitantes do sítio em períodos posteriores, um assunto sobre o qual ainda temos relativamente poucas conclusões. Finalmente, descreveremos a ocupação helenística do sítio, que prenunciou os achados em escala muito maior do período romano.

As ruínas da antiga cidade costeira de Apollonia encontram-se atualmente no perímetro do município de Herzliya, Israel, 15 km ao Norte da capital Tel-Aviv, numa posição central na costa da Planície de Sharon do Sul. A cidade foi construída numa elevação de rochas de *kurkar* (dunas de areia fossilizada) que atinge 35 m acima do nível do mar diante da praia e declina gradualmente para 20 m conforme se afasta da costa.

Já foram reconhecidas no sítio as ocupações fenícia-persa, helenística, romana, bizantina, árabe e cruzada. Historicamente, Apollonia serviu como principal porto da planície de Sharon do Sul, estando inse-

Thiago Bonfada de Carvalho é acadêmico de História na UFRGS. Bolsista PIBIC-CNPq no Núcleo de História Antiga. Email: carvalho_thiago@hotmail.com. Todas as citações de obras em idiomas estrangeiros foram traduzidas pelo autor.

rida nas rotas comerciais com o mundo grego e também com a Palestina interior. A cidade não foi contemplada pela natureza com um bom porto, e na Antigüidade seu ancoradouro natural certamente não era considerado confiável em todas as estações do ano. De fato, a costa palestina entre Joppa e Dor não dispõe de bons portos², e a fundação, no período romano, de Caesarea Marítima por Herodes, o Grande, entre 22 e 9 a.C., propôs-se a dirimir este problema pela construção de um porto artificial, segundo Flávio Josefo³. Entretanto, pode-se assumir que o ancoradouro natural de Apollonia poderia ser bem utilizado durante o bom tempo, e a cerâmica importada dos principais centros de produção do mundo helenístico parece apoiar esta suposição (Roll: 1999, 6). Isso se torna ainda mais provável dada a enorme superioridade do transporte marítimo sobre o terrestre na Antigüidade (cf., *e.g.*, Ste-Croix: 1988, 24-5), o que seria um estímulo à utilização de portos mesmo sob condições não ideais, como em Apollonia.

Apollonia era uma cidade de tamanho médio, tendo sido menos importante que Joppa, 17 km ao Sul, que servia normalmente de porto para Jerusalém (Roll: 1997, 2)⁴, e Caesarea Marítima, 34 km ao Norte, que, após sua fundação, tornou-se a sede do governo romano da província da Palestina.

OS FENÍCIOS NA PALESTINA E SUA RELAÇÃO COM A PLANÍCIE DE SHARON

Os achados mais antigos feitos até o momento no sítio de Apollonia-Arsuf consistem em alguns poucos artefatos⁵, encontrados fora de seu contexto arqueológico, do período neolítico e da Idade do Bronze, mas sua pouca quantidade deixa claro que se tratava de uma ocupação intermitente. De fato, toda a planície de Sharon do Sul servia apenas como área de pastagem para rebanhos, estando provavelmente sob a influência da cidade de Afeq (identificada com Tel Afek - Antipatris; cf. Gophna e Ayalon: 1998, Beck e Kochavi: 1993, 62-72, também Rosenberger: 1999, 284).

Os remanescentes em maior escala e quantidade, suficientes para estabelecer uma ocupação permanente e continuada do sítio, remontam ao final do século VI a.C.

O século VI a. C. nos traz à conquista persa da Babilônia em 539 a.C., após a qual a Fenícia, a Síria e o Chipre formaram a quinta satrapia do Império Persa, cujo imposto era de 450 talentos (Heródoto III, 91).

Neste período, Sídón⁶ passou a ser a maior cidade da Fenícia (Harden: 1968, 53), tendo um palácio para o rei persa e cunhando moedas onde aparecia sua efígie⁷. Dando continuidade a um processo que vem desde a segunda metade do século XI a.C., os fenícios criavam colônias ou entrepostos nas costas com que comerciavam, inclusive na Palestina, onde passaram a ocupar as áreas a norte conquistadas pelos “Povos do Mar”⁸ e novas técnicas de construção de portos⁹. Esse processo continua, na Palestina, até e inclusive no período helenístico¹⁰.

Informações escritas nos informam que, neste período, a planície de Sharon estava sob domínio sidoniano, sendo que a própria Sídón encontrava-se sob tutela persa. Os reis de Sídón receberam do rei persa as terras da Planície de Sharon, conforme atestado em uma inscrição no sarcófago¹¹ em estilo egípcio de seu rei do final do século VI a.C., Eshmun’ezer. Iniciando com ameaças a quem violar o sarcófago, a inscrição afirma, *inter alia*:

[. . .] e nós também construímos o templo de Eshmun, e colocamos o bosque sagrado, En Yidlal, na montanha, e o fizemos [Eshmun] lá residir para o glorificar; e fomos nós que construímos templos a [outras] divindades dos sidonianos, em Sídón na costa do mar, como o templo de Baal-Sidon, e o templo de Ashtoreth, que carrega o nome de Baal. E por esta causa o Senhor dos Reis nos deu Dor e Joppa, e as férteis terras cerealíferas que estão nas planícies de Sharon, como recompensa pelas grandes coisas que eu fiz, e adicionou-as às fronteiras da terra, para que elas possam pertencer aos sidonianos para sempre (Rawlinson 1889: 332-336).

Descoberta em 1855, a inscrição encontra-se traduzida em sua totalidade em Rawlinson 1889 (veja também Harden: 1968, 121-122, Stern: 1994, 149). O “Senhor dos Reis” é presumivelmente o rei persa. A inscrição finaliza da mesma maneira que inicia, com ameaças a quem violar o sarcófago.

O principal deus de Sídón era Eshmun (um indicativo disso é o próprio nome do rei Eshmun’ezer, bem como o papel da divindade na inscrição), que presidia à saúde e à medicina, e foi compreensivelmente identificado pelos gregos com Asclépio (Harden: 1968, 84). Eshmun, num período posterior, superaria Melcart para tornar-se o principal deus de Cartago¹².

Outro deus importante era Reshef, deus dos relâmpagos e da luz, identificado já no século V com o deus grego Apollo. Sídón era de fato

conhecida como “a terra dos Reshefs” (Donner & Röllig: 1971-73, 15, *apud* Roll: s.d.). Também digno de nota era Baal, deus das montanhas, da tempestade e da chuva, que também era praticamente um sinônimo de idolatria no texto bíblico. Deve-se notar que “Baal” é um nome genérico (significa “senhor”), e não se refere a uma divindade específica.

A APOLLONIA FENÍCIA - MOEDAS E ESTÁTUAS

Assim, a questão passa a ser se as escavações em curso na Planície de Sharon do Sul têm corroborado o domínio sidoniano neste período, e se a atividade de Sidon incluía a fundação de novos centros urbanos, entre os quais se incluiria presumivelmente Apollonia.

Os remanescentes deste período em Apollonia são encontrados apenas no Oeste do sítio, concentrando-se na Área D¹³. Segundo Roll (s.d.), eles incluem um *ostrakon* contendo o nome de Eshmun, que como foi visto era o principal deus de Sidon, e 20 moedas, 19 das quais cunhadas em Sidon. Também foi encontrada uma estatueta ushebti¹⁴ egípcia da 26^a dinastia (664-525 a.C., iniciada com Psamético I), em que aparece uma figura humana segurando um machado (Roll 1997: 17), com inscrições hieroglíficas danificadas, das quais apenas a expressão “ilumine Osiris” é discernível, encontrada ao norte do sítio. Esta estatueta é uma expressão em Apollonia da influência egípcia manifestada tão claramente no rei Eshmun’ezer e seu sarcófago. Outra estatueta encontrada pode ser uma representação do deus Baal, como parece indicar a comparação com uma estatueta de Baal encontrada em Dor¹⁵. Quanto à cerâmica encontrada na Apollonia fenícia-persa, Roll (s.d.) informa que a maioria era de jarros para estocagem (presumivelmente de conchas *Murex*), produzidos localmente, mas também com alguns achados de cerâmica grega.

A APOLLONIA FENÍCIA - PRODUÇÃO DE TINTAS

Também foi encontrada grande quantidade de conchas *Murex brandaris*, matéria-prima para a indústria têxtil fenícia: o algodão do Egito e as lãs dos planaltos mesopotâmicos, mais a escassa produção local, era tingido com a tinta de púrpura (púrpura real) que era extraída destas conchas, que acabariam extintas. Tiro e Sidon foram os centros mais notáveis desta produção, da qual os fenícios tinham o monopólio (Grote 1907). A produção era feita da seguinte maneira:

O múrex, depois de morto e putreficado, segrega um líquido amarelado que fornece - segundo a dose empregada - tons que vão do rosa ao violeta escuro: para os tons mais escuros é necessária exposição ao sol. O método seguido era quebrar a concha, extrair o molusco e depositá-lo em vasos onde a tinta se liquefazia. [...] A melhor localização para a "fábrica" era oposta à direção do vento dominante, porque o cheiro não era nada agradável (Harden 1968:147).

Não sabemos se Apollonia apenas produzia a matéria-prima, que seria então enviada a Sidon para beneficiamento, ou se passou em algum período imediatamente posterior a produzir as tintas na própria povoação. O diretor das escavações em Apollonia, Prof. Israel Roll da Tel-Aviv University, afirma (s.d.: 2-3) que "[Apollonia] possuía uma indústria de tingimento púrpura", mas o fato é que apenas as conchas do *Murex* não nos comprovam que o beneficiamento era efetuado em Apollonia e não em Sídon.

A APOLLONIA FENÍCIA - ENTERRAMENTOS

Na região nordeste do sítio foram encontrados enterramentos de crianças em urnas datando da ocupação fenícia. Isto condiz com as práticas funerárias dos fenícios, que praticavam a inumação (a cremação ocorreu concorrentemente à inumação em diversos períodos, principalmente no contato com os hititas da Anatólia e depois com os gregos no Ocidente; cf. Harden 1968:104). O uso de urnas era, sem dúvida, uma prática de pessoas ricas (Harden 1968:111), mas ainda não estamos em condições de identificá-las arqueologicamente na Planície do Sharon do Sul. Até que novas informações sejam desveladas, não podemos retirar mais informações das urnas funerárias fenícias de Apollonia.

É interessante notar a falta de enterramentos de cachorros em Apollonia. As escavações deste mesmo período (temporal de domínio persa e cultural de ocupação fenícia), na cidade costeira de Ashkelon, ao Sul, revelaram mais de 800 enterramentos parciais e completos de cachorros; a grande proporção (62%) de filhotes e a falta de evidência de intervenção humana sugerem morte por causas naturais, e o cuidado com que foram enterrados, indica que eram provavelmente considerados e reverenciados como sagrados¹⁶ (Stager 1993: 107-108). A razão mais provável para isso não seria a princípio uma particularidade de Apollo-

nia, mas seria encontrada na má preservação dos vestígios deste período como um todo no sítio.

A APOLLONIA FENÍCIA - FILOLOGIA

Às evidências citadas acima em favor da fundação sidoniana de Apollonia deve-se acrescentar um argumento filológico, que parte do fato de que a cidade de Apollonia foi chamada de Arsuf pelos árabes conquistadores, e era este o nome da região ainda no século XIX.

O caso é que, com a conquista árabe, grande parte dos nomes semitas volta a ser utilizada, abandonando-se o nome greco-romano adotado durante o domínio helenístico-romano¹⁷. Há exemplos desse fenômeno por todo o Oriente Próximo; na Palestina, temos os casos de Ludd (Diospolis), que volta a Lod em árabe; Beth-shean (Scythopolis), que volta a Beisan; Sippori (Diocaesarea), que volta a Saffurieh. As exceções a esta regra são tão interessantes quanto os casos normais: trata-se de áreas/cidades cuja população foi amplamente modificada durante o domínio romano. Temos assim na Palestina os exemplos de Qeisarieh (Caesarea), Sebastieh (Sebaste), Tabariyeh (Tiberias) e Nablus (Neapolis) e Iliya (Aelia Capitolina). Caesarea foi fundada do nada com uma população importada por Herodes; Flavia Neapolis, pelo menos em certa extensão, também o foi por Vespasiano. Os nomes antigos anteriores (Torre de Straton e Shechem) foram esquecidos; em Shechem, os samaritanos não estavam mais desde sua expulsão pelos macedônios, que eram assim o elemento predominante. Tiberias também foi fundada com nova população. Finalmente, Aelia Capitolina é a colônia romana fundada sobre Jerusalém após a revolta de Bar Kochba no século II d.C.

O topônimo Arsuf seria derivado do nome do deus Reshef; Yzreel (1989) sugere a reconstituição “Arshof” como o nome original semita do sítio na época pré-helenística. Isto se coaduna bem com as evidências citadas acima, como que Sidon era conhecida como “terra dos Reshefs”, e também a mudança de nome para Apollonia no período helenístico, derivada da identificação de Reshef com Apollo. Esta derivação do nome Arsuf, sugerida pela primeira vez por C. Clermont-Ganneau em 1897, conta hoje com o apoio quase unânime dos especialistas. O retorno ao nome semita também implica a permanência da população original (e, com ela, da lembrança do nome original) durante todo o longo período de dominação helenístico-romana.

Vemos que as evidências, tanto documentais quanto arqueológi-

cas, apóiam claramente uma fundação sidoniana de Apollonia¹⁸, com ênfase na produção de tecidos de cor púrpura a partir da concha *Murex*. A cidade era um centro comercial com laços com o interior da Palestina, por um lado, e com a Grécia, por outro. O provável início da ocupação dataria então da cessão por parte do monarca persa da Planície do Sharon a Eshmun'ezer de Sidon.

A APOLLONIA HELENÍSTICA

O período helenístico representa o momento em que a cidade de Apollonia tornou-se o principal centro comercial e industrial da planície de Sharon do Sul (Roll 1999). Tal fato não foi acompanhado de uma expansão da área da cidade, que permaneceu essencialmente restrita aos locais já ocupados no período fenício-persa imediatamente anterior.

Os principais remanescentes materiais do período helenístico foram encontrados nas Áreas H e D, incluindo paredes de uma estrutura arquitetônica (Área H), e uma área de descarte (Área D). A cerâmica encontrada nestes locais foi estudada por Fischer & Tal (1996), que documentaram a alta proporção de cerâmica produzida localmente - 90% na área D e 89% na área H. Entre as importações, existe cerâmica originária da Ática e de Rodes, esta última especialmente do período 205-175 a.C.

Como vimos acima, não há evidências incontrovertidas de que o beneficiamento do *Murex brandaris* ocorresse no próprio sítio durante o período fenício-persa. Ainda que instalações datando do período helenístico ainda não tenham sido encontradas, tal se torna mais provável para esse momento, se levarmos em conta a crescente importância da cidade.

Foi neste período que o nome original da cidade foi helenizado para Apollonia. Não temos informações sobre como se deu essa transformação, mas os especialistas têm rejeitado as identificações com generais e governantes helenísticos como conjecturas pouco fundadas¹⁹.

Existem dúvidas sobre o estatuto jurídico de Apollonia durante o período helenístico. Flávio Josefo, autor do século I d.C., cita a cidade como *pólis* em *Antiquitates Judaicae* XIII, 15, 4. Isso seria uma constatação muito importante para a inserção de Apollonia dentro da Palestina helenística como um todo²⁰. Há autores que consideram que a cidade já tinha esse estatuto desde o período helenístico, como Safrai (1994). Já Stillwell et.al. (1976) informam que o estatuto de *pólis* data pelo menos do reinado de Herodes, o Grande, no período romano.

Entretanto, definir este estatuto apenas a partir deste fragmento é problemático e põe vários problemas. Por exemplo, se Apollonia tinha o estatuto de pólis, por que não cunhava moedas como a maioria das cidades palestinas inseridas no mundo helenístico? Yizhar Hirschfeld, trabalhando com o assentamento rural judaico sob o domínio romano, comenta que

as vilas deste período [helenístico tardio - romano inicial] são mencionadas nas fontes ou pelo termo “vila” (kefar, kome), ou pelo termo bíblico então familiar “cidade” (‘ir, polis). Deve-se notar que o uso deste último termo não é mais que uma referência familiar e não tem relevância para o termo pólis no seu sentido greco-romano (Hirschfeld 1997:80, grifo meu).

Vemos assim que as evidências quanto ao estatuto da cidade são muito circunstanciais; não é certo que Josefo, na passagem citada, estivesse querendo se referir a um estatuto jurídico.

NOTAS

1. A planície de Sharon une entre a costa do Levante e a planície de Esdrael, que é a principal ligação entre a costa e o interior até o Líbano, a norte. Para Smith (1996:117), “não é na verdade toda a Palestina que merece o nome de A Ponte entre a Ásia e a África, mas esta área costeira plana e aberta, através da qual embaixadas e exércitos dos dois continentes passaram de um lado para o outro, não se incomodando, a não ser que perturbados, com as terras altas áridas e estéreis a leste”.
2. Donner (1997:1, 52) afirma que a Palestina “praticamente não oferece oportunidade para a utilização e portos naturais”, adicionando que “antes da Era Moderna, os únicos portos dignos de menção, em geral ruins, eram Joppa, Caesarea Marítima, o *Castellum Peregrinorum* dos cruzados (‘Atlit) e Accó”. Ele poderia mencionar que o porto de Caesarea Marítima foi artificialmente construído. Smith (1966:101) dá uma descrição similar: “Uma rocha protuberante em ‘Atlit, duas curvas na paria em Tanturah [Dor], por duas vezes recifes baixos - em Abu Zaburah e Jaffa - e a fraca promessa de um porto em Ashkelon”.
3. “[...] pois era o caso que, em toda a costa entre Dora e Joppa, no meio da qual a cidade [de Caesarea Marítima] está situada, não havia bons portos [...]. Mas o rei [...] superou a natureza, e construiu um porto maior do que o Pireu [em Atenas]”. *Bellum Judaicum* I, V.
4. Os principais portos da Palestina eram Joppa e Dor, desde a época salomô-

- nica. Joppa era o porto de Jerusalém; Dor atuava como porto de seis das 12 províncias em que o reino era dividido (Raban 1998). A importância econômica dos portos da Palestina, desde o começo do I milênio, pode ser exemplificada no fato de que a cidade de Dor, por si só, era considerada uma das 12 províncias do reino salomônico (Stern 1994).
5. Estas evidências vem demonstrar a ocupação recente da cidade, *contra* alguns estudiosos que postularam sua existência desde o período israelita, como Clermont-Ganneau (1896), que defendeu que a cidade esteve no território de Efraim devido à sua posição; o nome da cidade não aparece no Livro de Josué, mas Reseph aparece genealogia dos descendentes de Efraim (Crônicas 7:20-29). A partir disso, Clermont-Ganneau já pula para a existência real de uma cidade: “The ancient Ephraimite town of Arsûf [...]” (1896:260).
 6. Que sempre fora uma das quatro maiores cidades fenícias, junto com Aradus, Tiro e Byblos (Stern 1994:21), e chamada pela tradição judaica de “Sidon, a grande” (cf., e.g. Josué 11:8 e 19:28).
 7. Cf. Harden 1968:320. Deve-se notar que as moedas ali ilustradas pertencem ao século IV a.C., inserindo-se em outro contexto, nomeadamente o da Rebelião de Tennes contra o domínio persa, liderada por Sidon com apoio egípcio, abafada por Artaxerxes III Ochus (358 - 338 a.C.).
 8. O melhor exemplo arqueológico encontrado é em Dor, estudado por Stern 1998.
 9. O melhor exemplo arqueológico encontrado é em ‘Atlit, pouco a norte de Apollonia, tratado por Raban (1998).
 10. Referindo-se às tumbas de Marissa, do período de domínio lágida (c. 323-300), datadas da segunda metade do séc. III BC, W. F. Albright comenta: “Estas tumbas [...] foram [...] decoradas para os chefes de uma *colônia sidoniana*, estabelecida aqui por um certo Apollophanes por volta da metade do século III a.C. As paredes estavam elaboradamente ornamentadas com padrões e cenas pintados; as partes livres foram ocupadas com inscrições e graffiti em grego” (Albright 1949:147-148). Clines e Davies (1996) adicionam que Marissa tinha ágora, mas suas residências não seguiam o padrão grego típico.
 11. Cf. Harden (1968:307) para uma foto deste sarcófago.
 12. Harden (1968: 73) inclusive cita uma tradição segundo a qual os últimos defensores de Cartago imolaram-se no templo de Eshmun, quando da conquista e destruição da cidade pelos romanos ao final da Terceira Guerra Púnica (146 a. C.). O templo mais antigo e famoso de Cartago era o Precinto de Tanit (erigido no século VIII a. C.), e a escolha do templo de Eshmun como cenário deste ato final de heroísmo poderia ser uma manifestação desta supremacia tardia do deus Eshmun em Cartago.
 13. Cf. Ilustração n.º 3.
 14. Estatueta funerária egípcia destinada a substituir o morto na execução dos trabalhos agrícolas após a morte. Veja Gardiner 1961.:32.
 15. Essa possibilidade me foi sugerida pela Profª. Dranda. Raquel Machado Rech - MAE/USP (comunicação pessoal). Cf. Ilustração n.º 4.

16. De fato, Stager (1993: 108), discutindo a origem cultural deste fenômeno dentro do contexto das diferentes ocupações do sítio de Ashkelon, afirma que a origem mais provável é fenícia. Ele cita um texto fenício desta época (*Corpus Inscriptionum Semiticarum* 86, datado c. 450 a. C.), de Kition no Chipre, que se refere a cachorros e filhotes executando “serviços” (infelizmente não especificados) nos templos fenícios daquela cidade.
17. Veja-se Rainey (1978:10): “Na maioria dos casos, um nome grego ou latino dado pelas autoridades helenísticas ou romanas tinha uma existência apenas nos círculos oficiais ou literários, enquanto a população falante do semita continuava a utilizar o original hebraico ou aramaico. Este último volta ao uso público com a conquista árabe”.
18. Devendo ser corrigida, portanto, a inclusão de Apollonia entre as cidades fundadas no período helenístico feita por Clines & Davies 1996:209.
19. Como a sugestão de Smith (1996:102, n. 4) de que o nome Apollonia “foi provavelmente conferido por Apollonius, filho de Thraseas, que governou a Coele-Syria para Antipater”
20. Como Geiger (1990:143) coloca: “A maior fonte de orgulho era a designação de uma cidade como sendo uma *pólis* grega”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBRIGHT, WILLIAM FOXWELL. *The Archaeology of Palestine*. Harmondsworth: Penguin, 1949.
- BECK, PIRHIYA & KOCHAVI, MOSHE. “Aphek (in Sharon)”. In: STERN, EPHRAIM (ED.). *New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land*. 4 vols. Jerusalem: The Israel Exploration Society, 1993.
- CLERMONT-GANNEAU, CHARLES. “Notes on the April “Quarterly Statement” II: Arsuf and the town of Resheph”. *Palestine Exploration Fund Quarterly Statement* 2(1896):259-261.
- CLINES, DAVID J. A. & DAVIES, PHILIP R. *Introduction to Biblical Archaeology*. Sheffield: JSOT Press, 1996. (Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series, n.º 172).
- DONNER, HERBERT. *História de Israel e dos Povos Vizinhos*. 2 vols. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- DONNER, H. & RÖLLIG, W. *Kananäische und aramäische Inschriften*. 3rd Ed. Wiesbaden: Harrassowitz, 1971-1973.
- FLÁVIO JOSEFO. *The Works of Flavius Josephus*. Trans. William Whiston. <http://ccel.wheaton.edu/j/josephus/JOSEPHUS.htm>.
- GARDINER, SIR ALAN. *Egypt of the Pharaohs: An Introduction*. Oxford: Clarendon Press, 1961.

- GEIGER, JOSEPH. "Local patriotism in the Hellenistic cities of Palestine". In: KASHER, ARYEH; RAPPAPORT, URIEL & FUKS, GIDEON (EDS.) *Greece and Rome in Eretz Israel: Collected Essays*. International Scientific Conference on Greece and Rome in Eretz Israel, Haifa/Tel Aviv, 25-28 March 1985. Jerusalem: Yad Izhak Ben-Zvi / The Israel Exploration Society, 1990, p. 141-150.
- GITIN, SEYMOUR; MAZAR, AMIHAI & STERN, EPHRAIM (EDS.) *Mediterranean Peoples in Transition: Thirteenth to Tenth Centuries BCE*. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1998.
- GOPHNA, RAM & AYALON, ETAN. *Archaeological Survey of Israel: Herzliyya (69)*. Jerusalem: The Israel Antiquities Authority, 1998.
- GROTE, GEORGE. *A History of Greece*. London: J. M. Dent & Sons Ltd., New York: E. P. Dutton & Co. Inc., 1907 [1846]. 12 vols. (Ed. Everyman's).
- HARDEN, DONALD. *Os Fenícios*. Lisboa: Editorial Verbo, 1968 [1962].
- HERÓDOTO DE HALICARNASSO. *Histories*. Trans. A. D. Godley. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd., 1950. The Loeb Classical Library.
- HIRSCHFELD, YIZHAR. "5. Jewish rural settlement in Judaea in the Early Roman period". In: ALCOCK, SUSAN E. (ED.) *The Early Roman Empire in the East*. Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 72-88 (Oxford Monograph 95).
- ISAAC, BENJAMIN. "Roman administration and urbanization". In: KASHER, ARYEH; RAPPAPORT, URIEL & FUKS, GIDEON (EDS.) *Greece and Rome in Eretz Israel: Collected Essays*. International Scientific Conference on Greece and Rome in Eretz Israel, Haifa/Tel Aviv, 25-28 March 1985. Jerusalem: Yad Izhak Ben-Zvi / The Israel Exploration Society, 1990, p. 151-159.
- RABAN, AVNER. "Near Eastern Harbours: Thirteenth-Seventh Centuries BCE". In: GITIN, SEYMOUR; MAZAR, AMIHAI & STERN, EPHRAIM (EDS.) *Mediterranean Peoples in Transition: Thirteenth to Tenth Centuries BCE*. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1998.
- RAINEY, A. F. "The toponymics of Eretz-Israel". *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* n.º 231, p. 1-17, October 1978.
- RAWLINSON, GEORGE. *History of Phoenicia*. London: T. Fisher Unwin; New York: G. P. Putnam's Sons, 1896.
- ROLL, ISRAEL. "Apollonia [Ar'Arsuf]". Mimeo: s.d..
- ROLL, ISRAEL & AYALON, ETAN (EDS.). *Apollonia and the Southern Sharon: A Model of a Coastal City and its Hinterland*. Tel Aviv: Hakkibutz Hameuchad and the Israel Exploration Society, 1989. (em hebraico com resumo em inglês).
- ROLL, I. & TAL, O. (EDS.) *Apollonia-Arsuf: Final Report of the Excavations I*. Jerusalem: Emery and Claire Yass Publications in Archaeology, 1999.

- RONEN, AVRAHAM. "Sharon Plain (Prehistory)". In: STERN, EPHRAIM (ED.). *New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land*. 4 vols. Jerusalem: The Israel Exploration Society, 1993:1344-1345.
- ROSENBERGER, ARIK. "Appendix I - The Chalcolithic Period". In: ROLL, I. & TAL, O. (EDS.) *Apollonia-Arsuf: Final Report of the Excavations I*. Jerusalem: Emery and Claire Yass Publications in Archaeology, 1999.
- SAFRAI, Z. *The Economy of Roman Palestine*. New York: Routledge, 1994.
- SMITH, GEORGE ADAM. *The Historical Geography of the Holy Land*. Introduction by H. H. Rowley. New York: Harper & Row, 1966.
- STAGER, LAWRENCE E. "Ashkelon". In: STERN, EPHRAIM (ED.). *New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land*. 4 vols. Jerusalem: The Israel Exploration Society, 1993:103-112.
- STE-CROIX, G. E. M. DE. *La Lucha de Clases en el Mundo Griego Antiguo*. Barcelona: Editorial Crítica, 1988 [1981].
- STERN, EPHRAIM (ED.). *New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land*. 4 vols. Jerusalem: The Israel Exploration Society, 1993.
- STERN, EPHRAIM. *Dor - Ruler of the Seas*. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1994.
- STERN, EPHRAIM. "The Relations Between the Sea Peoples and the Phoenicians in the Twelfth and Eleventh Centuries BCE". In: GITIN, S.; MAZAR, A. & STERN, E. *Mediterranean Peoples in Transition*. Jerusalem: 1998, p. 345-352.
- STILLWELL, RICHARD; MACDONALD, WILLIAM L. & MCALLISTER, MARIAN H. (EDS.) *The Princeton Encyclopedia of Classical Sites*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1976.
- YZREEL, SHLOMO. "Arsuf is Arshof". In ROLL, ISRAEL & AYALON, ETAN (EDS.). *Apollonia and the Southern Sharon: A Model of a Coastal City and its Hinterland*. Tel Aviv: Hakkibutz Hameuchad and the Israel Exploration Society, 1989. (em hebraico com resumo em inglês).
- YZREEL, SHLOMO. "Arsuf: The Semitic Name of Apollonia". ROLL, I. & TAL, O. (EDS.) *Apollonia-Arsuf: Final Report of the Excavations I*. Jerusalem: Emery and Claire Yass Publications in Archaeology, 1999.